



RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS PARA A CRIAÇÃO DE OVINOS DESLANADOS NO ESTADO DO AMAZONAS



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Manaus
UEPAE de Manaus
Manaus, AM

ISSN 0101-7101

CIRCULAR TÉCNICA Nº 12

Julho, 1984

RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS PARA A CRIAÇÃO DE OVINOS DESLANADOS NO ESTADO DO AMAZONAS

Edson Camara Italiano

Helon Borges de Oliveira

Ruben Cassel Rodrigues

Jasiel Nunes Souza

Lúcio dos Passos Lima



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de
Manaus - UEPAE de Manaus
Manaus, AM

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

UEPAE de Manaus

Km 30 da Rodovia AM-010 (Manaus-Itacoatiara)

Telefone: (092) 233-5568

Telex: (0922) 440

Caixa Postal 455

69.000 Manaus, AM

Tiragem 500 exemplares

Comitê de Publicações

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual, Manaus, AM.

Recomendações práticas para a criação de ovinos deslanados no Estado do Amazonas, por Edson Camara Italiano e outros. Manaus, 1984.

29 p. ilustr. (EMBRAPA-UEPAE de Manaus. Circular Técnica, 12).

Colaboração de Helon Borges de Oliveira, Ruben Cassel Rodrigues, Jasiel Nunes Souza e Lúcio dos Passos Lima.

1. Ovinos deslanados - Criação - Brasil - Amazonas. I. Italiano, Edson Camara. II. Oliveira, Helon Borges de, colab. III. Rodrigues, Ruben Cassel, colab. IV. Souza, Jasiel Nunes, colab. V. Lima, Lúcio dos Passos, colab. VI. Título. VII. Série.

CDD 636.30098113

A G R A D E C I M E N T O S

Os autores expressam seu agradecimento a AGUINALDO
LIBÓRIO DA SILVA pelos desenhos apresentados neste tra
balho.

S U M Á R I O

	Páginas
INTRODUÇÃO	05
INSTALAÇÕES	07
PASTAGENS	08
CERCAS	10
ALIMENTAÇÃO	10
MINERALIZAÇÃO	11
MANEJO DO REBANHO	12
MANEJO REPRODUTIVO	12
MANEJO SANITÁRIO	14
Vacinação	14
Vermifugação	14
Outras enfermidades	15
HIGIENE DAS INSTALAÇÕES	17
RAÇAS DE OVINOS	17
Morada Nova	18
Santa Inês.....	18
Barriga Preta	18

RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS PARA A CRIAÇÃO DE OVINOS DESLANADOS NO ESTADO DO AMAZONAS

Edson Camara Italiano¹

Helon Borges de Oliveira²

Ruben Cassel Rodrigues³

Jasiel Nunes Souza⁴

Lúcio dos Passos Lima⁵

INTRODUÇÃO

A criação de ovinos na região Norte em geral, e particularmente no Estado do Amazonas, é pouco expressiva em face, principalmente, da falta de tradição. Os poucos animais existentes no Estado são criados juntamente com o rebanho bovino, mas nunca como atividade principal. Esses animais, na sua grande maioria, são nativos, de porte pequeno e apresentam resquícios de lã, peculiaridade

¹Engº Agrº, M.Sc. da EMBRAPA-UEPAE de Manaus, Cx. Postal 455, CEP 69.000 - Manaus-AM.

²Médico Veterinário, bolsista EMBRAPA/CNPq em atividade na UEPAE de Manaus.

³Zootecnista da EMBRAPA-UEPAE de Manaus.

⁴Engº Agrº Técnico da EMATER-AM, a disposição da EMBRAPA UEPAE de Manaus.

⁵Técnico Agrícola da EMBRAPA-UEPAE de Manaus.

indesejável às condições amazônicas. Inadequadas também são as áreas de várzea onde normalmente esses animais são criados, haja vista que a alta umidade existente nessas áreas favorece, efetivamente, o aparecimento de verminoses e enfermidades, especialmente a Pododermite Necrótica, vulgarmente conhecida como "manqueira ou frieira dos ovinos".

Dados estatísticos de 1980 mostram que, enquanto a região Nordeste apresenta um efetivo ovino da ordem de 6.176.000 cabeças, o da região Norte é de 106.000 cabeças, sendo que o Estado do Amazonas participa apenas com 13.000 cabeças (12,3%).

A ovinocultura, pode tornar-se uma atividade altamente rentável para o Estado, contribuindo substancialmente para o abastecimento de carne do mercado local, bem como para consumo do próprio produtor, especialmente o de terra firme, que se ressenete da falta de proteínas na sua dieta alimentar.

Por ser um animal de pequeno porte não requer grande investimento inicial, podendo ser criado por pequenos produtores. Ademais, a ovinocultura pode ser desenvolvida juntamente com outras atividades do setor agrícola, como seringais e pomares, com os animais alimentando-se de espécies forrageiras cultivadas sob essas culturas.

Fatores como instalações, manejo, alimentação e sani

dade assumem papel da mais alta relevância para o suces
so de todos aqueles que desejam adentrar nesta atividade.
De modo que este trabalho procurará fornecer, objetivamente,
algumas orientações práticas para a criação de ovinos
deslanados no Estado do Amazonas.

INSTALAÇÕES

Na criação de ovinos, o aprisco (Figuras 1 e 2) constitui-se na principal instalação. É o local onde os ani
mais pernoitam. Em linguagem mais popular pode dizer-se
que o aprisco é o curral dos ovinos.

O aprisco deve ser instalado em local bem posicionado
em relação à sede, em terreno firme e seco, a uma altura
de 1,50m acima do solo, com fácil acesso à água, obedendo
as uimensões de mais ou menos $1m^2$ por animal adulto
e $0,5m^2$ por animal jovem. Na sua construção pode ser utiliz
ada a madeira do próprio estabelecimento rural, pois
na realidade o aprisco deve ser, para efeito de economia,
uma instalação rústica. A cobertura pode ser feita com fol
has de zinco, amianto ou palha. Neste caso deve-se tomar
bastante cuidado com fogo. O assoalho deve ser feito de
ripões, deixando-se entre eles uma abertura de aproximada
mente 1cm de largura através da qual se escoarão as fe
zes, sem contudo permitir a passagem das patas dos ani
mais, a fim de evitar fraturas.

O piso, embaixo do aprisco, deve ser de chão batido , ou concreto, e com uma pequena inclinação para evitar o acúmulo de água.

É bom lembrar que o piso de chão batido ou concreto (principalmente este), bem como a altura de 1,50m deste ao assoalho, facilitarão a coleta do esterco e a própria limpeza do piso.

Pelo fato de ser suspenso, o aprisco necessita de uma rampa que permita a entrada dos animais. Ao pé da rampa deverá ser construído o pedilúvio, que nada mais é do que um tanque de concreto, de aproximadamente 10cm de profundidade, através do qual é feita, naturalmente, a profilaxia das patas dos ovinos, sempre que estes entrarem ou saírem do aprisco. O pedilúvio deve ter a mesma largura da entrada da rampa, o que obrigará os animais a pisarem sobre a solução contida no mesmo. Posteriormente serão fornecidos maiores detalhes sobre a construção do aprisco e do pedilúvio, bem como sobre a solução usada na profilaxia dos cascos dos animais.

PASTAGENS

De certa forma o ovino é considerado um animal sensível, necessitando, portanto, de áreas relativamente limpas. O ideal seria que as pastagens fossem implantadas em áreas mecanizadas. Desde que isto não seja possível, uma área bem queimada, seguida de encoivramento, satisfará

as necessidades. Todavia, aconselha-se que se disponha de uma área totalmente limpa, que funcionará como piquete-maternidade, onde permanecerão, além das matrizes próximas a parição, as matrizes recém-paridas.

As pastagens devem ser formadas utilizando-se as forrageiras (gramíneas e leguminosas) mais promissoras da região. Dentre as gramíneas sugere-se o quicuí da Amazônia, o gramalote, a grama batatais ou outras gramíneas que sejam, preferivelmente, tenras e rasteiras. Dentre as leguminosas sugere-se a puerária e os desmódios em geral.

A fim de facilitar o manejo e aumentar a longevidade das pastagens, estas devem ser divididas em piquetes, tendo-se em conta o tamanho do rebanho e obedecendo uma lotação de 8 a 10 ovinos adultos por ha/ano.

Em face das dificuldades encontradas no manejo das pastagens consorciadas, recomenda-se que sejam feitos piquetes de gramíneas e de leguminosas separadamente, ou então, consorciadas em faixas, isto é, faixas de 50% de gramíneas e de leguminosas dentro do mesmo piquete.

É oportuno lembrar, que todos os piquetes devem dispor de bebedouros (naturais ou artificiais) e cochos cobertos para mineralização.

CERCAS

As cercas devem ser construídas com 8 fios de arame farpado, sendo 6 fios inferiores espaçados de 12cm e o penúltimo e último espaçados de 20 e 25cm, respectivamente. A distância entre os moirões deve ser em torno de 2,50m. A cerca pode ser construída também com os dois fios de arame superiores e daí para baixo de madeira em pé. As Figuras 9 e 10 fornecem maiores detalhes sobre a confecção das cercas.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação do rebanho deve ser feita basicamente por meio da pastagem no campo, exceção feita às matrizes próximos a parição e recém-paridas que, além do pasto, devem ser suplementadas com farelo de trigo, ou outro alimento similar, na proporção de 300g/cabeças/dia. Convém lembrar que matrizes bem alimentadas e bem cuidadas dão sempre bons produtos. Animais debilitados também devem ser suplementados na mesma base.

MINERALIZAÇÃO

A suplementação mineral deve ser feita no campo, em cochos cobertos e à vontade utilizando-se a mistura mineral cuja composição encontra-se na Tabela 1.

TABELA 1. Composição da mistura mineral para ovinos.

UEPAE de Manaus, 1983.

Compostos minerais	Quantidades (kg)
Farinha de ossos	54,752
Sal comum	41,787
Sulfato de zinco	2,916
Sulfato de cobre	0,518
Sulfato de cobalto	0,020
Iodato de potássio	0,007
TOTAL	100,000

É imprescindível que os cochos sejam cobertos a fim de evitar que os minerais sejam carreados pela chuva. A figura 11 mostra maiores detalhes sobre a confecção do cocho.

Convém lembrar que o sal utilizado na mistura deve conter iodo, a fim de evitar deficiência do elemento.

MANEJO DO REBANHO

Durante o dia os animais devem permanecer no pasto e ao entardecer devem ser recolhidos ao aprisco. Esta prática é muito importante, pois evita que os animais permaneçam no campo nas horas de maior umidade. Como já foi frisado anteriormente, a umidade favorece grandemente a incidência de verminoses e enfermidades, especialmente a "frieira dos ovinos". A alta umidade da região favorece, também, o crescimento dos cascos dos animais, surgindo daí a necessidade de, periodicamente, fazer-se o corte dos mesmos, ao contrário das regiões secas, onde ocorre o desgaste natural dos cascos. O corte deve ser feito, preferentemente, com tesouras apropriadas a essa finalidade.

MANEJO REPRODUTIVO

Os reprodutores têm vida útil de 7 anos, mas devem ser substituídos a cada 2 anos, a fim de evitar consanguinidade no rebanho, ou seja, que as filhas sejam cobertas pelos próprios pais. A permuta de reprodutores entre os criadores constitui-se em alternativa bastante válida na solução desse problema. Outra maneira de o criador permanecer mais tempo com um reprodutor na fazenda é através do uso de rufião, que servirá para detectar as fêmeas em cio. Estas serão levadas ao reprodutor que, obrigatoriamente, deverá permanecer separado do restante

do rebanho.

A relação reprodutor/matriz, em monta natural, é de 1:25, enquanto que em monta controlada esta relação é bem mais alta. Entende-se por reprodutor, um macho desenvolvido e com mais de um ano de idade.

As fêmeas têm vida útil de 6 anos e só devem ser cobertas após um ano de idade ou quando apresentarem peso vivo acima de 20kg. O aparecimento do cio após o parto ocorre entre 1 e 3 meses. A repetição do cio ocorre entre 16 e 21 dias e a sua duração é de 2 a 3 dias. O período de gestação é, em média, de 150 dias e o primeiro parto ocorre, geralmente, entre 16 e 18 meses de idade.

As matrizes que se encontram próximas à parição (amojadas) devem ser colocadas em piquete-maternidade próximo à sede da propriedade para que se possa dispensar maiores cuidados, tanto à matriz como à cria.

Após o parto, faz-se o corte e desinfecção do umbigo do recém-nascido com tintura de iodo, devendo o mesmo permanecer em local seco e limpo (aprisco) durante, pelo menos uma semana, até que possa acompanhar a mãe ao pasto. Nesse período é de extrema importância que os cordeiros mamem o colostro, que oferece imunidade parcial nos primeiros dias de vida. O desmame é feito por volta dos 4 meses, ocasião em que os machos destinados ao abate são castrados, sendo que o abate deve ser feito entre os

12-15 meses de idade.

MANEJO SANITÁRIO

Os ovinos são muito mais suscetíveis aos efeitos dos vermes e enfermidades que outros tipos de gado. Têm pouca resistência e requerem tratamentos mais frequentes, especialmente durante o primeiro ano de vida. Práticas de manejo como rotação de pastos, limpeza dos comedouros, bebedouros e instalações em geral, são medidas efetivas na diminuição da infestação dos parasitos. Deve-se dar preferência às práticas preventivas pois , prevenir é mais fácil que curar.

Vacinação

Os animais devem ser vacinados contra febre aftosa a partir de 4 meses de idade e, daí, de 4 em 4 meses , seguindo-se as recomendações contidas na bula do produto. É conveniente utilizar sempre material esterilizado para aplicação do medicamento. Devem, também, ser vacinados contra brucelose e raiva quando houver incidência dessas moléstias na região.

Vermifugação

Deve ser iniciada dez dias após o nascimento, sendo a segunda e a terceira doses aplicadas respectivamente, aos 2 e 4 meses, seguindo-se com administrações bimes

trais para todo o rebanho. A segunda e a terceira vermi fugações devem ser feitas utilizando-se produtos à base de Oxfendazole (SYSTAMEX), que atuam também sobre tênias visto que já foi constatada a ocorrência desses vermes, em ovinos na região. Preferencialmente, deve-se usar pro dutos de aplicação oral, uma vez que produtos injetáveis são perigosos aos ovinos. Os vermífugos mais comumente utilizados em ovinos são: CURAGUST, SYSTAMEX e RIPERCOL, os quais devem ser aplicados de acordo com as instruções contidas na bula do produto. Convém salientar que as fê meas em fase final de gestação não devem ser vermifuga das.

Outras enfermidades

- Pododermite necrótica: vulgarmente conhecida co mo "podridão do pé", "frieira" ou "manqueira dos ovinos", caracteriza-se pelo aparecimento de lesões nos cascos onde se nota a presença de pus e larvas de moscas, podedo ocorrer a queda do casco. O animal começa a mancar e encontra dificuldade em se locomover e alimentar-se. A falta de tratamento acarretará, automaticamente, a morte do animal. O tratamento é feito aplicando-se Clorafenicol e utilizando-se pedilúvios com solução de cobre à 10% ou formol a 5%. No caso de haver larvas, aplica-se também larvicida. Além disso recomenda-se manter os animais com os cascos aparados e em locais limpos e secos.

- Linfadenite caseosa (caroço): é caracterizada pelo aparecimento de nódulos ou caroços sob a pele do animal, geralmente na região do pescoço, podendo também aparecer em outras partes do corpo do animal. O tratamento é feito através do corte e limpeza do caroço, retirando-se o material purulento e aplicando-se tintura de iodo no interior do nódulo. É aconselhável fazer o tratamento fora das instalações e queimar, ou enterrar, o material retirado do caroço, para evitar a contaminação do rebanho.

- Mastite: inflamação do úbere, de gravidade variável, que se traduz por diminuição da produção de leite e consequente morte do borrego, caso não sejam tomadas medidas profiláticas. O tratamento deve ser feito o mais rápido possível, através da aplicação intramamária de antibióticos de largo espectro, como por exemplo: UBRECILIN 500.

- Estigma contagioso (boqueira): ocorre em ovinos jovens, atingindo os lábios onde se notam vesículas, pústulas e crostas. O tratamento consiste da utilização de mistura de uma parte de iodo para três partes de glicerina. Os borregos doentes devem ser isolados e amamentados artificialmente.

- Complexo inanição (exposição às condições ambientais): enfermidade capaz de provocar alta mortalidade em

animais jovens, é decorrente de deficiências vitamínicas e minerais, agravada, principalmente, por mudanças ambientais. O tratamento é feito com administração de complexos vitamínico-minerais, repouso e boa alimentação (concentrados de alto valor nutritivo e sal mineral).

HIGIENE DAS INSTALAÇÕES

As instalações, especialmente o aprisco, devem ser lavadas semanalmente e desinfetadas quinzenalmente. Na profilaxia devem ser usados desinfetantes comerciais ou cal virgem diluídas em água.

A solução utilizada no pedilúvio deve ser composta de sulfato de cobre a 10% ou formol a 5%. Na ausência desses produtos deve ser usado a cal virgem em solução.

Preparo da solução de formol a 5%: o formol comercial vem, geralmente, a 40%. Para reduzi-lo a 5% tomam-se 125cc do formol comercial (40%) e diluem-se em 1 litro de água, ou seja, tomam-se 875cc de água e adicionam-se 125cc do formol a 40%. A quantidade da solução deve ser suficiente para encher o pedilúvio.

RAÇAS DE OVINOS

Em face da elevada precipitação e temperatura vigentes na região, os ovinos que melhor se adequam a essas condições são os deslanados. Dentre estes destacam-se os

das raças Santa Inês e Morada Nova. No Território Federal de Roraima existe uma raça deslanada denominada "barriga preta", originária da Venezuela, que pelas informações que se têm, são animais bastante rústicos e com boas perspectivas de se adaptarem às condições do Estado do Amazonas.

As principais características dessas raças são:

Morada Nova: esta raça apresenta como características mais marcantes a cor vermelha com a ponta da cauda branca, cascos pretos e ausência de lâ. Todavia, a cor branca também é aceita como padrão racial.

Santa Inês: abrange um grande número de animais deslanados de várias cores (branca, chitada, vermelha, preta e marrom), apresentando orelhas de tamanho médio e caídas.

Barriga Preta: São animais de cor vermelha e, como o próprio nome indica, apresentam a barriga preta. Estes animais ainda são pouco conhecidos na região, dispondo-se de poucas informações a seu respeito.

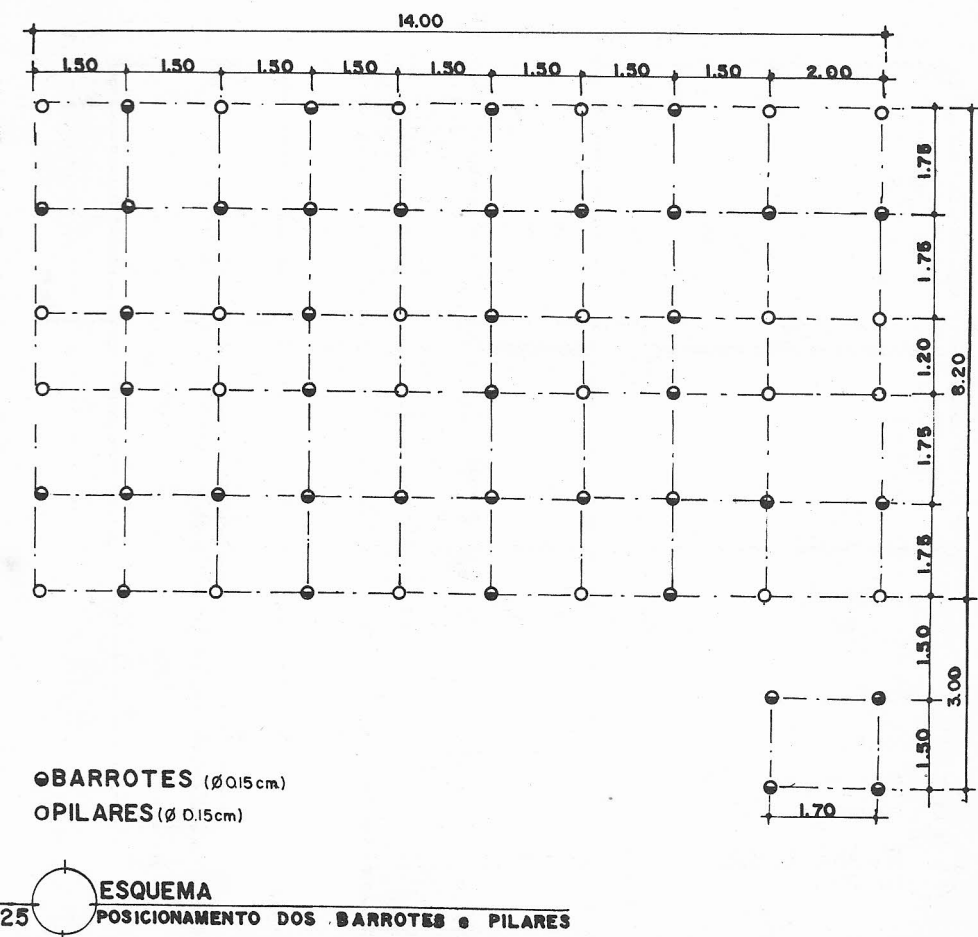


FIGURA 1. Distribuição dos barrotes, que sustentam o aprisco. A durabilidade e segurança do aprisco dependem da qualidade da madeira usada para fazer os barrotes.

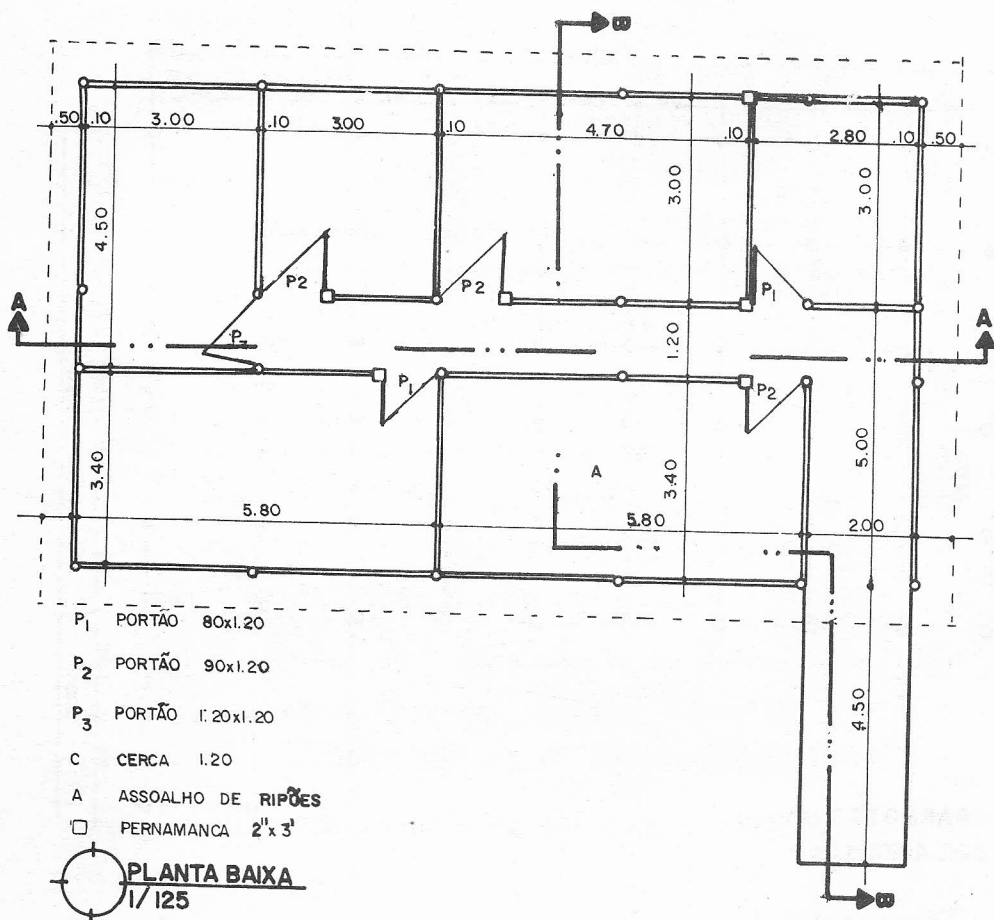


FIGURA 2. Planta baixa do aprisco apresentando como detalhes os cortes AA e BB.



FIGURA 3. Detalhes do corte AA.

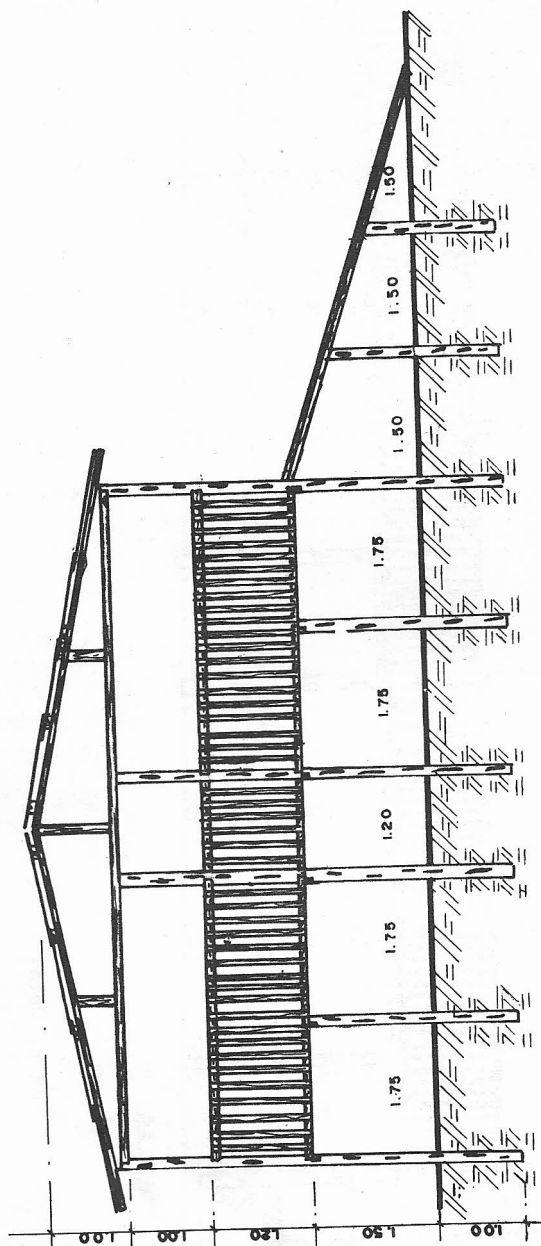
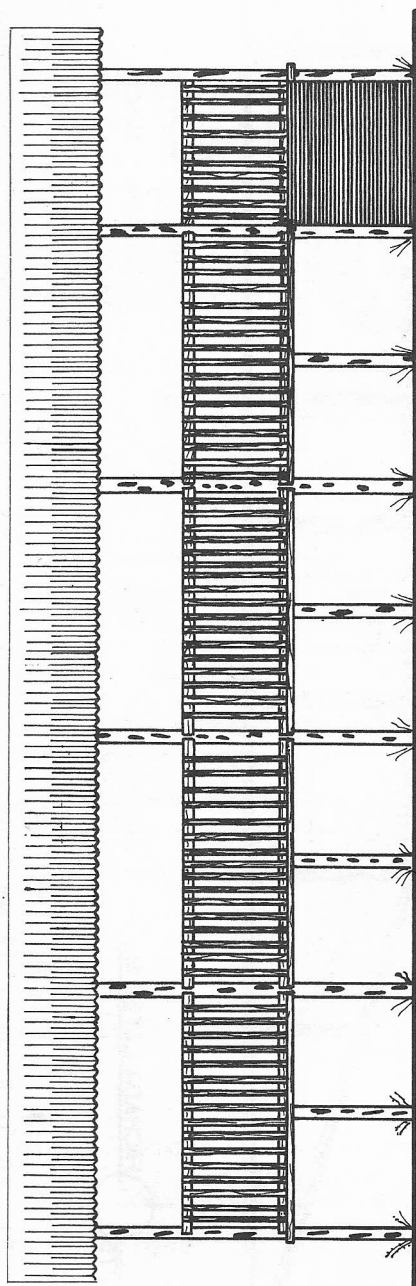
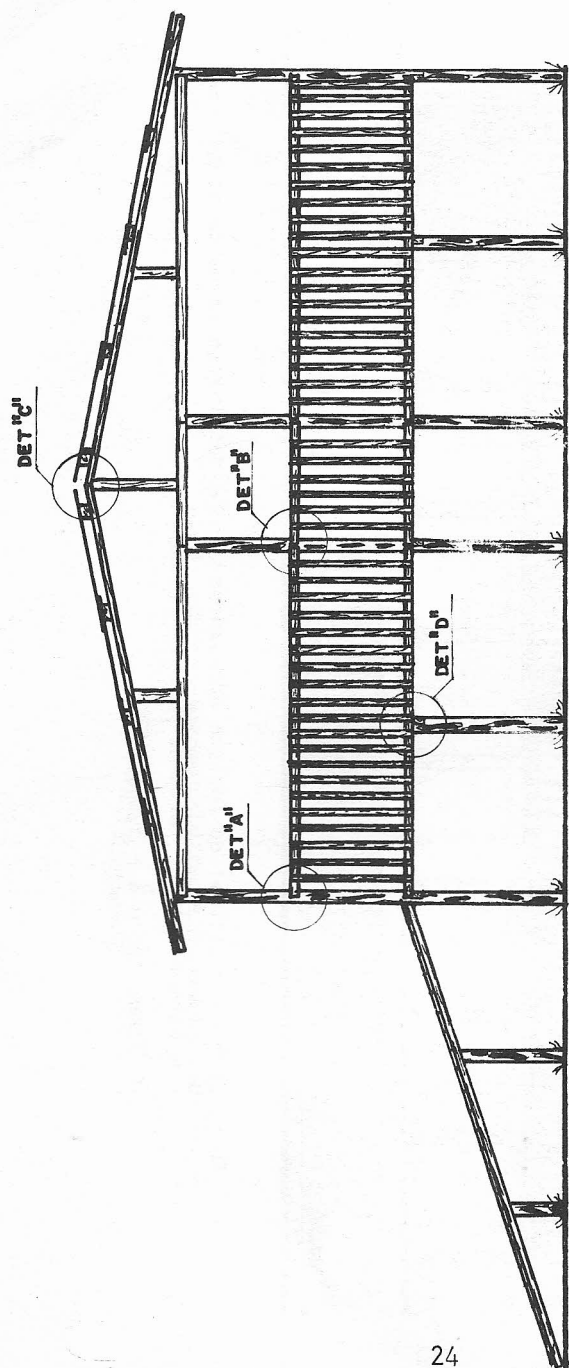


FIGURA 4. Corte BB apresentando como detalhe, aspecto da rampa de acesso.



FACHADA PRINCIPAL
1/75

FIGURA 5. Fachada principal do aprisco apresentando como detalhes a rampa de acesso e a parede-lateral feita de madeira rachada cujas ripas guardam, um espaço de 5cm entre uma e outra.



1775 FACHADA LATERAL

FIGURA 6. Fachada lateral do aprisco mostrando também, como detalhe, a parede e a rampa de acesso.

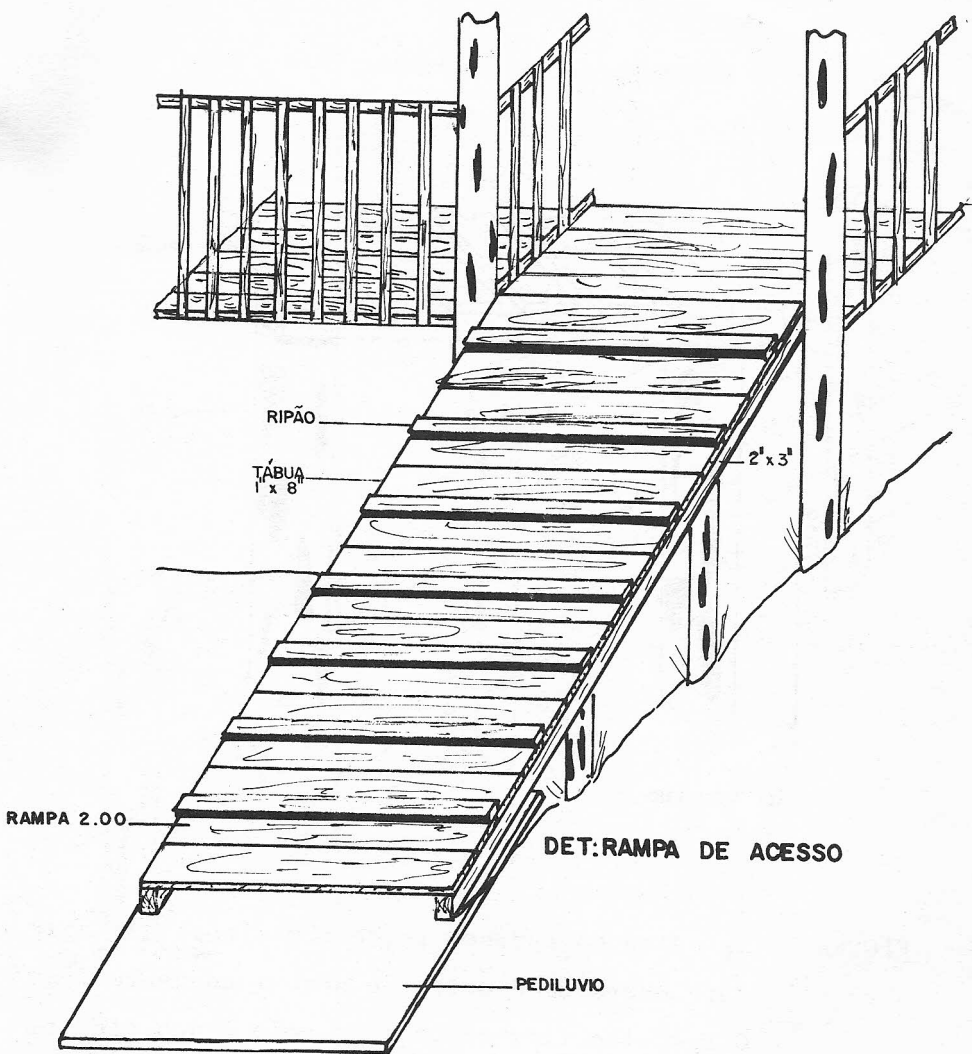
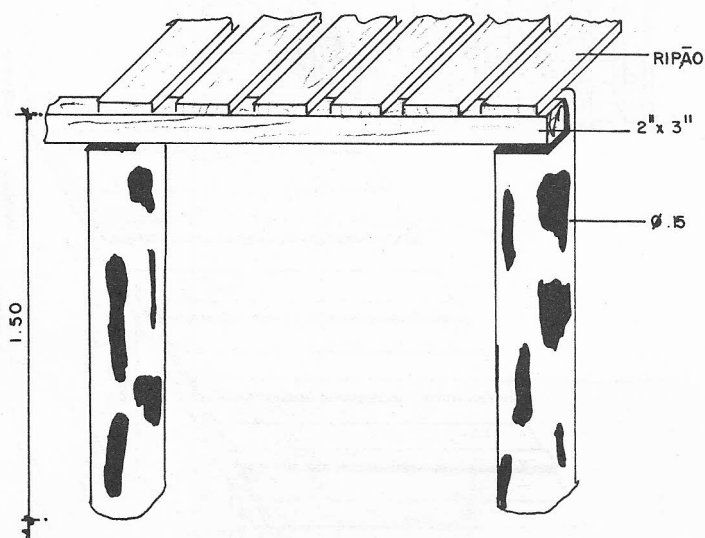
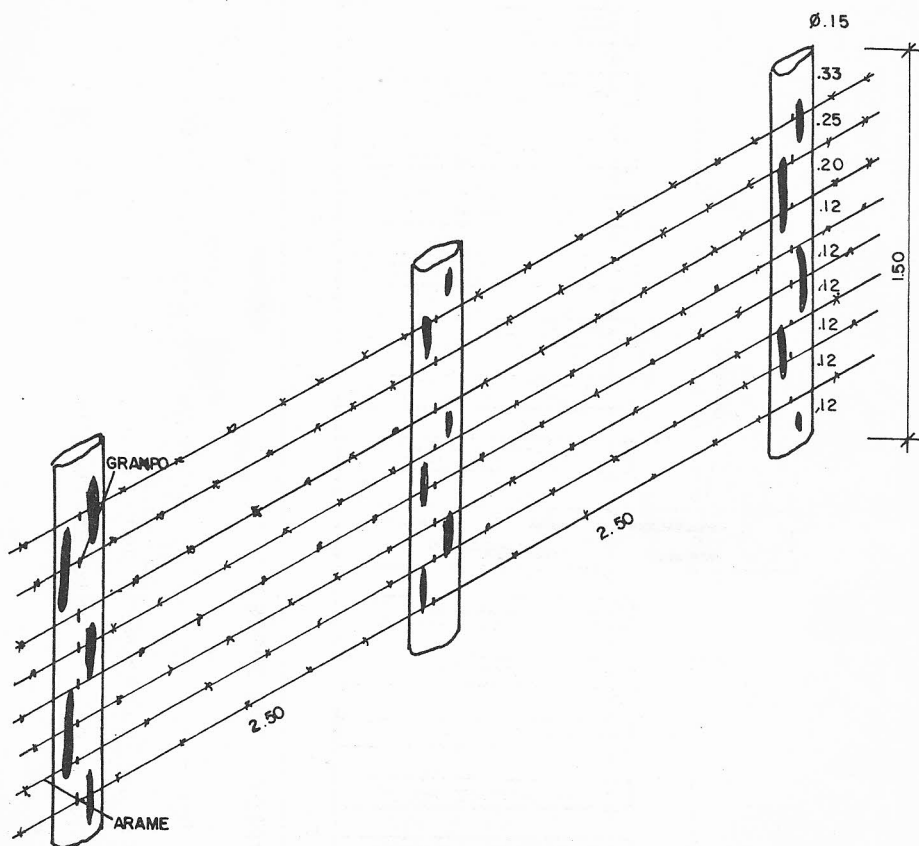


FIGURA 7. Rampa de acesso com o pedilúvio na entrada. Convém lembrar que, apesar de não estar representado na figura, a rampa possui paredes laterais feitas de madeira.



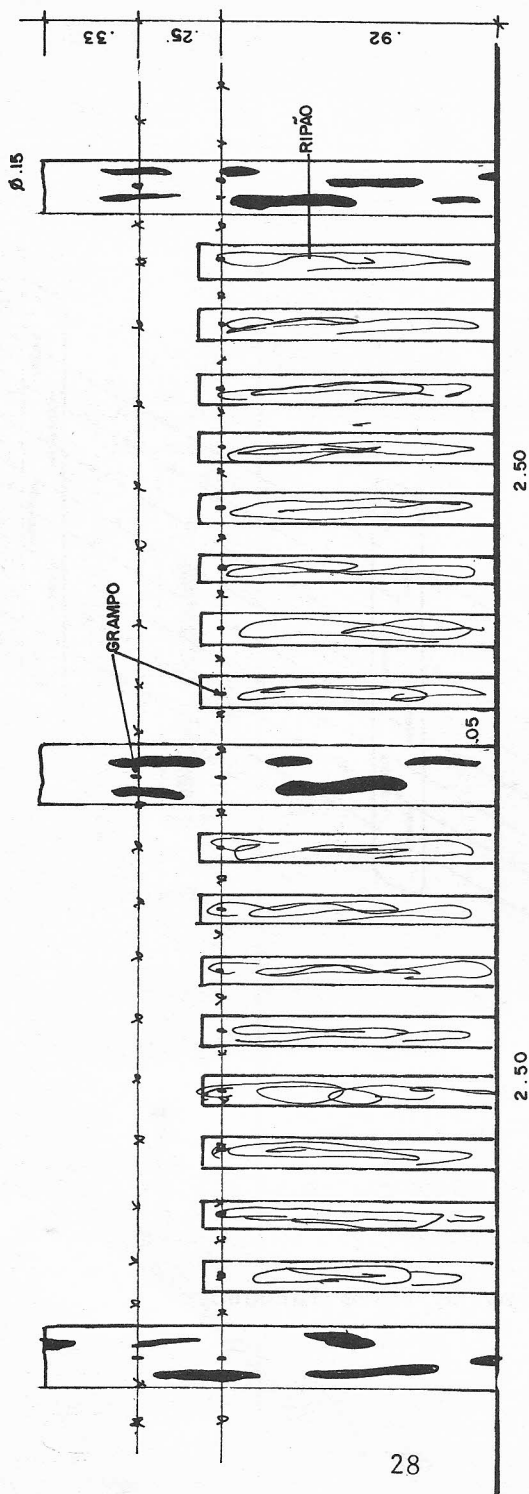
DET: ASSOALHO

FIGURA 8. Assoalho do aprisco feito com ripões com abertura entre um e outro de aproximadamente 1cm. O assoalho fica a 1,50m do solo e sob ele fica o piso de concreto ou chão batido que irá receber os dejetos dos animais.



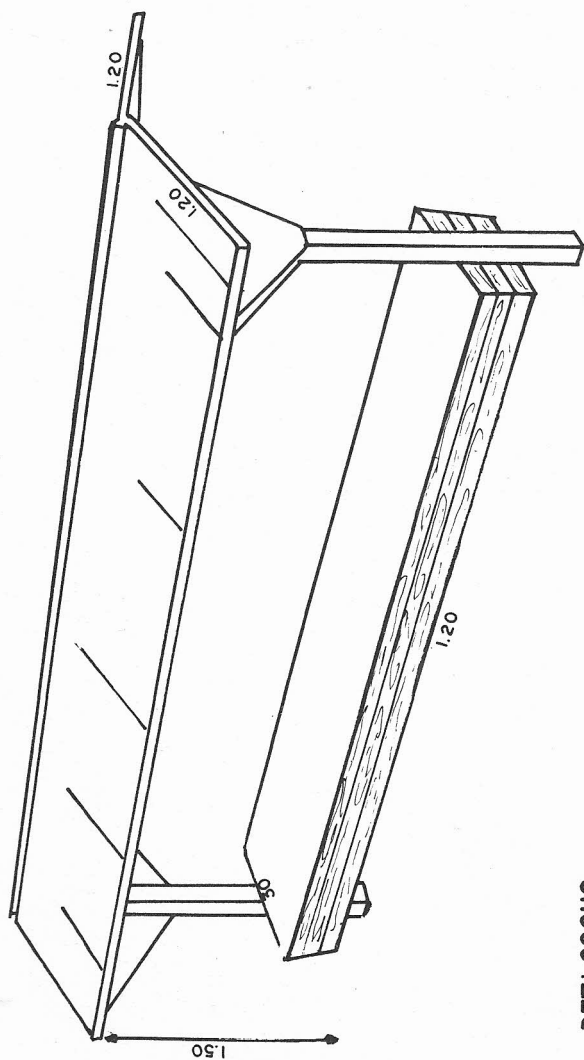
CERCA: ARAME FARPADO

FIGURA 9. Cerca com fios de arame farpado.



CERCA DE ARAME FARPADO COM RIPÕES

FIGURA 10. Cerca feita com dois fios de arame farpado e o restante de madeira. A madeira utilizada pode ser ripões, ripas, madeira roliça, ou rachada sendo que o espaçamento entre uma ripa e outra deve ser de aproximadamente 5 cm.



DET: COCHO

FIGURA 11. Cocho com a respectiva cobertura.